

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

THAMYRES PASSOS DE MOURA

CAPOEIRA: Um símbolo de libertação com resquícios de dominação.

NITERÓI - RJ

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

THAMYRES PASSOS DE MOURA

CAPOEIRA: Um símbolo de libertação com resquícios de dominação.

Monografia apresentada na
Universidade Federal Fluminense –
UFF como registro parcial para
obtenção do título de graduação em
Sociologia sob orientação da prof^a.
Letícia Veloso.

NITERÓI - RJ

2016

M929 Moura, Thamyres Passos de.

Um símbolo de libertação com resquícios de dominação / Thamyres Passos de Moura. – 2016.

44 f.

Orientadora: Letícia Veloso.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Sociologia, 2016.

Bibliografia: f. 42-44.

1. Capoeira. 2. Gênero. 3. Corpo humano. 4. Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte-Capoeira (Abadá-Capoeira). 5. Mulher. I. Veloso, Letícia. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

Ficha Catalográfica elaborada

Agradecimentos

Quando percebemos que nosso maior desafio é superar a nós mesmos, nossas inseguranças, nossos medos e nossos próprios preconceitos é que entendemos que o maior gigante é aquele que está latente dentro de nós. Vemos que, quando temos família e amigos, nenhuma barreira é intransponível ou que qualquer adversidade seja insuperável.

Gostaria de agradecer a Deus por ter me ouvido, quando o que eu mais precisava era falar, e por ter me dado saúde e sabedoria para aproveitar as oportunidades que ele pôs em meu caminho.

Agradeço a minha mãe que me ensinou a ter força e coragem para enfrentar as diversidades da vida e que me ensinou a nunca desistir das minhas metas. Que me ensinou que paradigmas existem para serem quebrados, mesmo ela não sabem que me ensinou isso.

Agradeço ao meu pai que desde a minha infância batalhou para que nunca me faltasse nada. Ele que é meu maior sócio, investidor dos meus sonhos, aliás, eu aprendi a sonhar com ele, e mais do que isso, pôr meus sonhos em prática. Porque aprendi com ele que não há projeto que não possa ser construído se nele pusermos todo nosso empenho.

Agradeço à minha irmã por ter me inspirado a seguir em frente nos meus estudos e me mostrar o valor do conhecimento.

Agradeço ao meu noivo por entender todas as vezes que não pude lhe dar atenção e por me apoiar até o final desta etapa tão importante da minha vida.

Agradeço também ao Dr. Jorge de La Barre por ter me auxiliado durante o projeto monográfico e por ter me mostrado a direção que devia seguir para chegar ao tema da minha pesquisa.

Agradeço especialmente à Dr. Letícia Veloso por ter me orientado e por muitas vezes me acalmado em momentos de pânico. Ela acreditou que eu conseguiria cumprir esta tarefa árdua a tempo, mesmo quando nem eu acreditava que fosse possível.

Resumo

Realizado através de uma profunda imersão no convívio social e baseado em várias horas de observação participante e entrevistas com mulheres capoeiristas, este trabalho consiste na apresentação e problematização de atitudes que correspondem a aplicações de “dominação masculina” e suas contradições na roda de capoeira. A partir de um recorte dimensionado à ABADÁ-Capoeira, a maior instituição de capoeira do mundo, analisou-se diferentes formas de atuação desta dominação tais como percebidas pelas mulheres entrevistadas. Como referencial teórico, utilizamos principalmente, além de Bourdieu, alguns estudos recentes sobre gênero, corpo e feminilidade, particularmente na sociedade brasileira no momento atual, buscando contextualizar os relatos das mulheres nas mudanças em curso, com relação a estas questões, em nossa sociedade.

Abstract

Conducted through deep immersion and many hours of participant observation of everyday social relations, as well as through interviews with women capoeira artists, this study discusses and challenges certain attitudes where one find the presence of “masculine domination” and its contradictions as played out in practice, in capoeira plays. Focusing only on ABADÁ-Capoeira, the largest capoeira institution in the world, different manifestations of such domination were analyzed, mostly through how women capoeira players perceive them. Our theoretical framework consists of, besides Bourdieu, certain recent studies on gender, the body, and femininity in current Brazilian society; we tried to contextualize women’s perceptions and narratives in relation to the ongoing transformations currently going on in Brazil regarding such questions.

Sumário

1. <u>Introdução</u>	8
2. <u>Suporte Teórico</u>	11
2.1. Pierre Bourdieu	
2.1.1. Dominação Masculina.....	11
2.2. Mirian Goldenberg	
2.2.1. Afinal, o que quer a mulher brasileira?.....	11
2.2.2. Dominação Masculina e Saúde: Usos do Corpo em Jovens das Camadas Médias Urbanas.....	12
2.2.3. Gênero e Corpo na Cultura Brasileira.....	12
2.2.4. Gênero, “o Corpo” e “Imitação Prestigiosa” na Cultura Brasileira.....	13
2.3. Beatriz Beraldo	
2.3.1. O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo.....	13
2.4. Jane Russo	
2.4.1. Negociando com os leitores: o “novo” e o “antigo” homem nos editoriais da revista Men’s Health.....	14
3. <u>Capoeira no Brasil</u>	
3.1. Surgimento da Capoeira.....	15
3.2. Capoeira Angola.....	16
3.3. Capoeira Regional.....	17
3.4. ABADÁ-CAPOEIRA	
3.4.1. Como ela se define.....	18
3.4.2. Fundamento.....	19
3.4.3. Sistema de graduação adulto.....	19

3.4.4. Toques de berimbau da mais utilizados	
3.4.4.1. São Bento Grande da Regional.....	23
3.4.4.2. Benguela.....	24
3.4.4.3. Iúna.....	24
4. <u>Entrevistas com mulheres capoeiristas</u>	
4.1. Noções de Corpo.....	24
4.1.1. Força e agilidade.....	25
4.1.2. Biotipo Abadá.....	26
4.2. Gênero	
4.2.1. Diferença no jogo.....	28
4.2.2. Deveres femininos.....	29
4.3. Indícios da “dominação masculina” em conflitos do cotidiano.....	31
5. <u>A teoria na prática</u>	
5.1. Corpo e estilo de vida.....	32
5.2. Ser mulher na capoeira.....	34
5.2.1. A feminilidade da capoeirista.....	36
5.2.2. Dominação masculina na capoeira.....	39
5.2.3. Driblando as visões estereotipadas.....	41
6. <u>Conclusão</u>	43
7. <u>Referências Bibliográficas</u>	43

1 Introdução

É a partir de uma etnografia aplicada em seis meses de completa imersão que se baseia esta monografia. Mesmo sendo integrante e participante do grupo estudado (Abadá-Capoeira) há quase quatro anos, e mesmo já tendo percebido algumas questões, somente nestes últimos seis meses distanciei o meu eu Fuji (meu codinome na capoeira) para começar a enxergar as coisas como Thamyres (futura socióloga e pesquisadora). Sabemos que desnaturalizar algo que faz parte da sua vida e do seu dia-a-dia não é uma tarefa fácil de ser cumprida. Ver com estranheza algo comum e corriqueiro não é nada simples, mas, por incrível que pareça, fluiu de maneira inacreditável. O fato de ser integrante da instituição me favoreceu para obter informações que um pesquisador de fora não teria acesso e talvez até não percebesse a riqueza de algumas informações para sua pesquisa.

A partir de um pensamento crítico sobre as relações desiguais de gênero, aos poucos fui percebendo que estas relações se aplicam no mundo da capoeira como um todo. Esta pesquisa consiste em entender como as mulheres da Abadá-capoeira agem diante de diversas situações encontradas em uma arte inerentemente masculina e que é dotada de pressupostos intrínsecos culturalmente sobre o que é ser mulher. Atualmente a quantidade de mulheres que praticam capoeira aumentou consideravelmente; aumentou também qualitativamente quanto ao desempenho. O que antes era uma atividade restrita aos homens, hoje é algo comum uma mulher praticar capoeira. Isto pode ser visto quando observamos uma competição como Jogos Brasileiros e Jogos Mundiais, porque anteriormente as categorias masculina e feminina eram juntas. Havia somente um destaque feminino (uma medalha para a mulher que fizesse os melhores jogos) mesmo competindo com homens, pois não havia quantidade suficiente para fechar uma chave, a qual é composta por pelo menos oito participantes.

Ainda hoje a quantidade de mulheres é exorbitantemente inferior, mas este fato tem mudado a cada ano. O que acontece é que estas competições são disputadas somente entre quem é graduado em diante, e como ser graduado depende de anos dedicados à capoeira e pelo fato da entrada de mulheres e meninas ainda ser muito recente, ainda não temos uma quantidade significativa

em relação à quantidade de homens. É intrigante quando percebemos, também, que quanto maior a graduação, menos mulheres temos envolvidas. Dos sete mestres existentes hoje na instituição apenas duas são mulheres, dos x mestrandos não temos nenhuma mulher, das dezenas de professores temos uma quantidade de mulheres que dá para contar nos dedos. As causas deste fato são intrigantes e ficarão para um estudo posterior.

Sou integrante da Abadá-Capoeira há três anos e meio e pratico capoeira tem quase oito anos. O interesse de pesquisar sobre algo relacionado à capoeira sempre me rondou e ao longo de toda faculdade me vieram à mente diversos temas que ainda me interessam, mas que não era o momento certo para serem abordados. Com uma dúvida cruel e uma incerteza de quem seria meu orientador, já que no curso não encontrava ninguém que tivesse afinidade com a capoeira, segui por alguns meses pensando sobre o que escreveria. Até que, em uma conversa com um estagiário de uma disciplina que estava cursando no período passado, surgiu a ideia de estudar os conflitos que se dão através das interações entre homens e mulheres na Abadá-Capoeira. Quando escolhi falar sobre gênero não tive dúvidas sobre quem eu chamaria para me orientar, então, tudo fluiu da melhor maneira que podia fluir.

Mestre Camisa e sua instituição, criada em prol da capoeira (Abadá-Capoeira), sempre quebram paradigmas e inovam neste mundo tão tradicionalista que é a capoeira. Não indiferente quanto às questões femininas, implantou uma categoria feminina ao perceber as mudanças sociais em curso, e todo ano promove o “Encontro Feminino” onde mais de cem mulheres, integrantes da Abadá-Capoeira de todo o mundo, participam para fazer cursos práticos, ouvir palestras, discutir sobre a mulher na capoeira e confraternizar. Em um destes encontros foi promovido um festival de cantigas onde a cantiga abaixo esteve presente. Hoje a disponibilizo neste trabalho porque esta música demonstra a preocupação e o anseio que estas mulheres capoeiristas têm.

A mulher e a capoeira

Autora: Fofa (MG)

Ritmo: Angola

Hoje eu fiz essa cantiga
Pra uma história lembrar
Mulher na capoeira
É o tema do meu cantar
A gente, por muito tempo
Ficava meio de fora
Da roda de capoeira
Mal chegava, ia embora
- Porque isso é coisa de homem!
- Ou de mulher atrevida!
- Mulher nasceu pra casar!
- Vadiação é proibida!
Mulher que se rebelava
Acabava no abandono
Mas onde é que tá escrito
Que cada mulher tem um dono?
Ai meu Deus eu me pergunto
Se não é hora de mudar
A mulher também quer a liberdade
Que a capoeira dá
Mas aqui nesse momento
É hora de festejar
E agradecer Mestre Camisa
O valor que ele nos dá...
Viva meu Deus
Viva meu Mestre
Tá me ensinando
A vadiar Vamos vadiar, vamos vadiar...

2 Suporte teórico

2.1 Pierre Bourdieu

2.1.1 A Dominação Masculina

Bourdieu discute neste livro a “dominação masculina” a partir do argumento de que esta dominação é uma forma de “violência simbólica”. Ou seja, significados e práticas impostas socialmente que são tomadas como verdades absolutas e legítimas que acabam por sustentar as relações de dominação. Neste caso, a manutenção da dominação é feita a partir das próprias ações de dominação, elas que reafirmam a veracidade do poder e estão camufladas nas coisas mais simples do cotidiano.

Ele aborda um modo de pensar dicotomicamente através das oposições como: rico e pobre, baixo e alto, homem e mulher, gordo e magro, bonito e feio, etc. Nos mostra que conceitos intrínsecos de maneiras de pensar estão “introjetados” na nossa mente, o que pensamos serem escolhas puras e livres, na verdade estão cheias de pressupostos, interesses e informações preestabelecidas.

2.2 Mirian Goldenberg

2.2.1 Afinal, o que quer a mulher brasileira?

“No Brasil o corpo é um verdadeiro capital” (GOLDENBERG, 2011)

Neste artigo, Mirian Goldenberg, logo no início, descreve o corpo como capital físico, simbólico, econômico e social. Um corpo que precisa ser dotado de qualidades específicas (naturais ou adquiridas) para ser atribuído valor a ele; um corpo ideal, quase que perfeitamente inalcançável e surreal. Este corpo, na cultura brasileira, deixa de ser natural para se tornar um corpo distintivo.

O corpo, no Rio de Janeiro, passa ser próprio e diferenciado entre os grupos sociais, onde cada nicho produz suas especificidades corporais. A autora cita Bourdieu mostrando a diferença dos gestos femininos e masculinos, apontando que o estado de insegurança corporal feminino nos faz ser mais delicadas, atenciosas, contidas, etc. Ou seja, ao mesmo tempo que as mulheres buscam um corpo ideal exigido pela ditadura machista, o homem também é refém ao ter que provar a todo momento que é homem demonstrando força física, virilidade, potência sexual, etc.

2.2.2 Dominação masculina e saúde: usos do corpo em jovens das camadas médias urbanas

A autora neste texto, diz que a concepção de corpo é algo construído cultural e socialmente, o que torna cada sociedade com padrões únicos de corpos. Este corpo é um corpo imitado pelas camadas sociais mais baixas das camadas mais altas, corpo este que é exemplo de sucesso. Com um ideal fixo de corpo viril, o homem entra em uma incessante busca ao alcance do corpo perfeito e por isto tem se desenvolvido distúrbios psicológicos graves de compulsão.

“É interessante destacar o paradoxo que o culto ao corpo gera nesta cultura das camadas médias urbanas. Quanto mais se impõe o ideal de autonomia individual, mais aumenta a exigência de conformidade aos modelos sociais do corpo”.

2.2.3 Gênero e corpo na cultura brasileira

Através das pesquisas feitas por Goldenberg, podemos observar que as mulheres mais invejam nos homens é a liberdade, isto nos mostra bastante sobre esta “natureza” feminina e masculina na sociedade brasileira.

Retirei deste texto inúmeras interpretações de corpo e como ele é concebido e tratado no Brasil, como padrões de corpos podem ser prejudiciais à saúde física e mental do ser humano. E como estes corpos são fundamentais para a demarcação de gênero na nossa cultura.

2.2.4 Gênero, “o Corpo” e “Imitação Prestigiosa” na Cultura Brasileira

Goldenberg discute neste texto o que chama de “imitação prestigiosa”, que é a imitação de algo que teve êxito anteriormente e agora é imitado pelos demais. No caso em questão, o foco de tal imitação é o corpo. Ela diz que não necessariamente este corpo vai ser imitado conscientemente, pois pode ser apenas uma reprodução automática de algo bem sucedido em uma cultura específica. O corpo também pode ser exibido como um troféu de uma sacrificante rotina de aprisionamento do próprio ao conseguir domesticar impulsos naturais.

Por causa das publicidades, da televisão e das vias impressas as pessoas são induzidas a atingir o padrão de corpo exibido nestes meios de comunicação. Ou seja, a gordura se torna cada vez mais rejeitada pelos brasileiros, é como se uma obsessão popular tomasse conta da vida das pessoas, pois apenas aqueles que possuem a “boa forma” podem ser bonitas e ter sucesso. Ou seja, as relações sociais são regidas de acordo com estes padrões de corpo e beleza.

2.3 Beatriz Beraldo

2.3.1 O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo

Este artigo é baseado em entrevistas feitas com feministas ativistas que promovem a Marcha das Vadias. Ele procura mostrar o quanto a visão de feminilidade é promovida pela mídia e pelos bens de consumo. Mostra que a televisão faz a manutenção das estruturas do que é ser feminino, quais funções devemos ter para ser uma mulher bem sucedida e que uma mulher solteira e sem filhos, apesar de ser bem sucedida profissionalmente, nunca estará plenamente feliz e completa.

Podemos ver também, que a mulher do século XXI perde muito tempo “exercendo sua feminilidade” (indo ao cabelereiro, fazendo às unhas, comprando,

se depilando, etc.) imposta por esta sociedade que a autora percebe como machista e deixa de refletir sobre as questões políticas e sociais.

Através deste artigo pude capturar um pouco das relações históricas de feminilidade e a construção desta, na sociedade patriarcal brasileira. Assim como a exclusão daquelas mulheres que não alcançam um ideal de beleza (como o corpo magro, por exemplo).

2.4 Jane Russo

2.4.1 Negociando com os leitores: o “novo” e o “antigo” homem nos editoriais da revista Men’s Health

Através de editoriais das revista Men’s Health, Jane Russo trabalha a noção de gênero, masculinidade e sexualidade embutidas nesta revista. A pesquisadora aponta como a revista aborda o “novo homem” e introduz novos hábitos como: saúde, alimentação, estilo, moda, sexualidade, etc. ao “antigo homem” sem que este perca sua masculinidade, já que estes assuntos são, geralmente, abordados mais frequentemente no universo feminino. Na verdade, a revista remodela conceitos de masculinidade e virilidade impressos no século XVIII e incluem práticas atuais de cuidados com o corpo.

Por esta pesquisa busquei conceitos de masculinidade e como ela é aplicada nos dias de hoje por homens de diversas camadas sociais, e como estes homens agem para se reafirmarem em um mundo onde o poder masculino tem sofrido algum grau de enfraquecimento. Ou seja, para o homem e sua masculinidade sobreviverem no mundo atual, onde as mulheres têm um papel forte, eles precisaram se reinventar e recriar novos hábitos cotidianos. Mas, acima de tudo os homens, o texto ajuda a compreender como, mais do que nunca, precisam demonstrar seu domínio e superioridade para não perderem o posto de dominantes.

3 Capoeira no Brasil

3.1 Surgimento da capoeira

Existem diversas especulações sobre o surgimento da capoeira, pois os primeiros registros confiáveis que a descrevem surgiram no século XIX. Uma das vertentes diz que a capoeira surgiu do n'golo, uma dança entre meninos que estariam entrando na fase adulta. Esta dança consistia em encostar o pé na cabeça do adversário, aquele que alcançasse o objetivo primeiro escolhia a jovem com quem se casaria e estaria livre de pagar o dote.

No século XVI, a economia da colônia portuguesa (Brasil) girava em torno dos canaviais e a principal mão de obra era a mão de obra escrava. Estes escravos eram sul-africanos capturados de suas tribos e trazidos ao Brasil por comerciantes de escravos de forma sub-humana. Os escravos eram forçados a trabalhar, a aderir ao catolicismo e estavam à mercê das vontades de seus donos. Castigos severos eram aplicados naqueles que não obedecessem; cansados de tanto sofrimento passaram a treinar o corpo para fugir e se libertar do cativo. Surgia, então, a capoeira, pela vontade da libertação.

Nascia no cativo

(Perninha)

Nascia no cativo
Da dor do negro
E hoje está no mundo inteiro

Sinhozinho no mercado
Sempre prestava atenção
Para não comprar escravos
De uma mesma região

Misturando dialetos

Sem o feitor perceber
Escravo já conversava
Planejando o que fazer

O escravo então diz
Que vivia do pescado
Que pode ensinar a luta
Que aprendeu no passado

Outro escravo mostra a luta
Que em sua terra é tradição
Com um balanço de corpo
Usando golpes de mão

Negro diz a seu irmão
Mostra as pernadas que usou
Na disputa, na aldeia
No dia em que se casou

Das culturas africanas
Mas em terra brasileira
Do sofrimento do negro
Surge a nossa capoeira

3.2 Capoeira Angola

A Capoeira Angola é a mais tradicional, pois é chamada assim toda capoeira que mantém sua performance de maneira primitiva, ou seja, preservam a forma de execução dos golpes e da ginga como era feito antes da criação da Capoeira Regional. A data de seu surgimento não pode ser dimensionada, pois ela existe desde o Brasil colônia e sem registros que possam nos afirmar.

Esta modalidade ganhou força a partir da fundação da academia de Mestre Pastinha em 1941. Mestre Pastinha foi um grande defensor da preservação da

tradição da capoeira. A Angola é a capoeira que mais se aproxima ao modo que os escravos jogavam na época da escravidão.

No jogo da Angola é característico a sutileza, a malandragem e a surpresa; o jogo pode ser em pé ou rasteiro ao chão dependendo da situação. Os instrumentos utilizados são três berimbaus, dois pandeiros, um atabaque, um agogô e um reco-reco.

3.3 Capoeira Regional

A Capoeira Regional foi criada por Mestre Bimba (Manoel dos Reis Machado) com uma mistura da capoeira primitiva com o Batuque (dança-luta). Mestre Bimba. Ele resolveu montar esta nova modalidade porque presenciava o decaimento da capoeira como luta, por causa da utilização da capoeira em apresentações acrobáticas para impressionar turistas. Isto se passou em 1920 na Bahia, quando a capoeira ainda era proibida no Brasil e por isto Bimba resolveu chamar de Luta Regional Baiana.

Mestre Bimba então criou uma sequência de ensinamento que, segundo ele, qualquer iniciante aprenderia e com o passar do tempo criaria adaptações para jogá-las na roda. A Capoeira Regional, diferente da Angola, é mais objetiva e marcial, e é treinado o ataque e contra-ataque com maior destreza. Nela também foram adicionados golpes de outras lutas e a partir dela que surgiram as graduações. Na academia de mestre Bimba existiam três tipos de alunos: os calouros, os formados e os formados especializados que eram marcados por um lenço na cintura, os quais sua cor representava o nível do capoeirista. Na Regional era usado apenas um berimbau, dois pandeiros e as palmas.

A Capoeira Regional serviu para a disseminação da arte e da cultura brasileira por todo o mundo. Ela teve papel fundamental na legalização da capoeira no Brasil, quando em 1953, Mestre Bimba apresentou a capoeira para o presidente da época, Getúlio Vargas. Mestre Bimba exigia que todos os seus alunos tivessem carteira assinada ou estivessem matriculados na escola para

mudar o pensamento social de que a capoeira era coisa de “malandro e vagabundo”.

3.4 ABADÁ-CAPOEIRA

3.4.1 Como ela se define

A Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte-Capoeira (Abadá-Capoeira) é uma organização sem fins lucrativos cujo objetivo é difundir e apoiar a cultura brasileira através da prática da capoeira. Fundada em 1988 por Mestre Camisa, José Tadeu Carneiro Cardoso, Abadá é baseado no Rio de Janeiro, Brasil. É uma das maiores organizações de capoeira do mundo, com mais de 41.000 membros representando escolas de todos os estados do Brasil, bem como mais de 30 países diferentes. ABADÁ se distingue de outras organizações de capoeira pelo seu crescimento em todo o mundo, bem como seu estilo, padrões e filosofia.

O trecho seguinte, retirado do site do grupo, demonstra exatamente esta percepção de si mesmo que o grupo construiu:

“A ABADÁ-CAPOEIRA entende a capoeira como uma arte. Uma arte interdisciplinar que engloba vários aspectos esportivos, culturais, marciais e artísticos. Tem como filosofia o desenvolvimento do seu trabalho em vários níveis, seja buscando a elevação do nível técnico e teórico do capoeirista, seja utilizando a capoeira como valioso recurso pedagógico, artístico e cultural, objetivando, entre outras, a profissionalização do capoeirista procurando resgatar o valor do Mestre de Capoeira como produtor e transmissor de cultura e vivência.



A ABADÁ-CAPOEIRA procura contribuir para a formação de valores humanos e étnicos baseados no respeito, na socialização e liberdade, através de trabalhos que valorizam a cultura brasileira, tudo isso buscando fortalecer e engrandecer o capoeirista no seu caráter, dignidade e valorização pessoal.

Para a ABADÁ-CAPOEIRA, a capoeira é uma arte ancestral e futura. É a expressão viva da liberdade de um povo e deve ser praticada com reverência, merecendo de nossa parte respeito e atenção. Transformando e preservando valores, nosso trabalho aponta para a necessidade de deixar a capoeira livre para ser o que é: para a capoeira assim como para o camaleão, mudar é apenas preservar sua essência”.

3.4.2 Fundamentos


As atividades da ABADÁ-CAPOEIRA estão fundamentadas em alguns ensinamentos do Mestre BIMBA, no que diz respeito à capoeira Regional, e da Capoeira de Angola, os quais unem-se para serem considerados como um todo: uma unidade em evolução. Assim, os fundamentos da capoeira se expressam na preservação da sua tradição, na evolução técnica, no cuidado e no zelo na confecção dos instrumentos e uniformes, no aprimoramento técnico, no respeito mútuo ao trabalho básico do aprendiz, no equilíbrio, na rapidez de raciocínio, na neutralização dos ataques por meio de esquivas, na velocidade, na eficiência e na união dos componentes da ABADÁ-CAPOEIRA.

3.4.3 Sistema de graduação adulto

Título / Nível	Imagem	Cor	Responsabilidades básicas
Principiante		Corda Crua	Estudante corda natural
Aluna Aluno / a		Corda Crua- Amarelo	Transformação
		Corda Amarelo	<u>O ouro</u> A corda amarela significa o valor de

			aprendizagem.
		Corda Amarelo- Laranja	Transformação
		Corda Laranja	<u>O sol</u> A corda laranja reflete o despertar da consciência do aprendiz.
		Corda Laranja- Azul	Transformação
Graduado/a		Corda Azul	<u>O mar</u> A corda azul indica consciência do aprendiz do imenso caminho pela frente.
		Corda Azul- Verde	Transformação
		Corda Verde	<u>Os pulmões, a floresta do mundo</u> A corda verde significa a consolidação da aprendizagem. Ele fornece a base sobre a qual Abadá-Capoeira é construído.
		Corda Verde-Roxa	Transformação

Instrutor / a		Corda Roxa	<p><u>Ametista</u></p> <p>A corda roxa sinaliza que o capoeirista começou a superar a dor física, psicológica e espiritual de aprender capoeira e defender seus ideais.</p>
		Corda Roxa-Marrom	Transformação
Professor/a		Corda Marrom	<p><u>O Camaleão</u></p> <p>A corda marrom representa a transformação constante que caracteriza o estilo do grupo.</p>
		Corda Marrom-Vermelha	Transformação
Mestrando/a		Corda Vermelha	<p><u>O rubi</u></p> <p>A corda vermelha simboliza a justiça. A este nível, o capoeirista adquire uma compreensão de responsabilidade; ele ou ela é esperado para lutar por justiça na condução de seu trabalho e fazendo suas decisões.</p>
Mestre		Corda Vermelha-Branca	<p><u>Transformação</u></p> <p>Nesta graduação do Capoeirista tenta desenvolver o seu potencial, a</p>

			<p>fim de se concentrar e manter os ideais da Abadá. É uma fase de transformação, porque o Mestre está se preparando para obter a mais alta graduação no sistema de Abadá. A fim de alcançar Grão-Mestre, é necessário tomar decisões com precisão, honestidade e acima de tudo com sabedoria e imparcialidade.</p>
Mestre		Corda Branca	<p><u>O diamante</u></p> <p>O "Diamond" é o mineral mais duro e mais resistente. Ele reflete todas as cores e todas as cores estão unidas no branco.</p>
Grão Mestre	Sem corda (vestimenta branca / terno)	designação honorário	<p><u>Nenhuma corda</u></p> <p>A partir do Grão-Mestre, Abadá é dado o seu apoio, a fim de preservar os seus ideais. É através da sabedoria, paciência, humildade, lealdade e crenças firmes do Grão-Mestre que ABADÁ pode manter a sua filosofia, tradição e princípios. Só pode haver um Grão-Mestre na Abadá. Todos estes atributos estarão concentrados nesta única pessoa. O Grão-Mestre tem a maior responsabilidade na condução do destino do Abadá.</p>

Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/ABAD%C3%81-Capoeira>

As graduações servem pra demarcar o grau das habilidades, a hierarquia e o quanto o capoeirista já contribuiu para a capoeira durante seus anos na prática. Para merecer cada graduação assume-se que são necessários requisitos básicos e vão se complexificando de acordo com que vai aumentando o grau da corda. A graduação é igual para homens e mulheres, mas ambos são avaliados relativamente.

Hoje na Abadá-Capoeira a quantidade de mulheres é grande comparada a outros grupos e a própria Abadá-Capoeira da década passada, mas ainda não chega próximo à quantidade de homens. No grupo tem atualmente duas mestras e elas ministram aulas nos Estados Unidos, Mestre Márcia Cigarra (San Francisco) e Mestre Edna (Nova Iorque).

Como o contingente feminino foi ter um aumento relevante na última década, a maioria das integrantes são alunas e graduadas. Ou seja, quanto maior a graduação, menos mulheres tem.

3.4.4 Toques de berimbau da mais utilizados

Na Abadá-Capoeira os instrumentos que são usados são: três berimbaus, um atabaque, dois pandeiros e um agogô. De acordo com cada toque tocado no berimbau o capoeirista faz um jogo específico, ou seja, cada toque tem um tipo de jogo.

3.4.4.1 São Bento Grande da Regional

No toque de São Bento Grande são usados principalmente golpes traumatizantes e com maior objetividade em ataque e contra-ataque. Este jogo é desenvolvido de pé, em sua maior parte, e o capoeirista tem maior risco de lesão. Com golpes rápidos e precisos o pé só não acerta porque a esquiva é muito treinada, ou seja, o chute é para acertar o adversário.

3.4.4.2 Benguela

O toque de Benguela foi criado por mestre Bimba, mas o jogo Benguela foi desenvolvido por Mestre Camisa. O jogo é lento, rasteiro seu objetivo principal é fazer com que o adversário saia de situações onde esteja vulnerável.

3.4.4.3 luna

A luna é um toque floreado e pode ser lento ou rápido. O jogo só pode ser jogado por capoeiristas a partir da corda azul, porque ele precisa de maior domínio do corpo e da mente. É um jogo com muitas acrobacias combinadas com golpes estéticos e marcações de rasteiras e cabeçadas. O jogo não tem muito contato direto e o principal fator é a beleza dos movimentos.

4 Entrevistas com mulheres capoeiristas

4.1 Noções de Corpo

Através dos dados recolhidos percebemos que entre os integrantes da Abadá-Capoeira a concepção de corpo é bem demarcada pela exigência de uma boa performance, porque neste grupo a “técnica” inovadora que o Mestre Camisa criou deve ser preservada. As mulheres capoeirista também fazem parte de tal cobrança, ao passo que os homens devem ser “malhados”, as mulheres devem fazer um controle do peso, porque se a mulher está acima do seu peso ideal deve reduzi-lo e se estiver abaixo deve aumenta-lo para não ficar demasiadamente leve. Ou seja, um padrão deve ser mantido e estimado pelos seus componentes, tendo em vista que este alvo (a perfeição do corpo e da técnica) é inalcançável, estes integrantes vivem uma vida de cobrança e de busca pela superação do seu próprio eu.

4.1.1 Força e agilidade

Dados comprovaram que o corpo masculino detém mais força e agilidade, atribuições que são almejadas pelas mulheres desta associação que praticam esta arte. Algumas entrevistadas relataram o esforço descomunal pelas quais passam para chegar próximo ao desempenho masculino. Outras assumem que este nível nunca será alcançado e tentam superar apenas outras mulheres. Vejamos esta citação:

“A mulher na capoeira vive tentando se igualar no jogo e na hierarquia, mas para a mulher é muito mais difícil. Nós precisamos treinar muito mais do que um homem treinaria para conseguir fazer as mesmas coisas, não é fácil; principalmente por causa das outras atividades do nosso dia-a-dia”.

Durante as entrevistas percebeu-se que o grande anseio de algumas destas mulheres era alcançar a mesma agilidade e destreza. Não diria que buscam a mesma força, porque todas disseram que na capoeira a força não é tão essencial. Todas as entrevistadas disseram que nesta luta a técnica supera a força bruta, pois você pode utilizar a força do seu oponente contra ele mesmo.

Através de um relato percebi que a divisão de categoria foi uma questão para algumas meninas. Anteriormente nas competições não havia quantidade de meninas suficiente para dividir uma categoria só para mulheres e estas competiam junto com os homens. Apesar de a categoria ser mista era raro uma mulher chegar às finais das competições e para dar uma premiação às mulheres tinham apenas uma medalha que chamam de “destaque feminino”. Com o crescimento contingencial das integrantes do sexo feminino, criaram uma categoria feminina que é dividida por graduação como a dos homens, mas não por peso, pois ainda não tem tantas mulheres assim. A categoria masculina é dividida em duas etapas: graduação e peso (gunga, médio e viola). Uma questão que foi levantada logo no início desta divisão em uma categoria feminina foi a qualidade do jogo feminino, porque ele não estava com um alto padrão de desenvolvimento. Mas com o passar do tempo a qualidade da competição

feminina se elevou, mesmo ainda não sendo igual ao masculino. Como colocou esta outra entrevistada:

“A qualidade do jogo masculino é superior! Tanto que quando fizeram uma categoria feminina ela era questionada pela falta de qualidade”.

As mulheres tem se esforçado ao máximo para melhorar o jogo e a qualidade nas competições vem melhorado a cada dia, mas ainda não é o ideal para elas. Será que um dia o jogo feminino se igualará ao masculino? A entrevistada a seguir fez-se esta pergunta, em forma de reflexão:

“A mulher é mais frágil e não tem a mesma força e nem as mesmas habilidades, mas já vi muita mulher “bagunçar” homem na roda”.

4.1.2 Biotipo Abadá

O tipo físico exigido pela Abadá-capoeira é bem demarcado e característico, porque deve ser um corpo atlético. Algumas características descritas foram: um corpo magro, mas definido; malhado e treinado, mas sem ser bruto; magro, mas não pode ser muito leve. Esta exigência tem como objetivo padronizar os corpos para aumentar o desempenho ao máximo. Segundo os praticantes, quando se tem músculos em excesso o jogo do capoeirista fica “duro” e sem “malemolência”, pois os músculos atrapalham na desenvoltura de alguns golpes e principalmente nos “floreios” (acrobacias), mas estes tem maior força. Quando o capoeirista é muito leve fica mais suscetível às rasteiras e aos golpes mais traumatizantes dos maiores, mas ao mesmo tempo estes são mais ágeis e saltam com maior facilidade. Já o corpo magro e definido é forte, ágil e estético. Mas todos estes tipos de corpos que citei são bem aceitos e tem bom conceito, sendo que, tem um tipo de corpo que é recriminado pelo meio e é sobre este corpo que será abordado com maior afinco.

O corpo que está acima do peso é mal visto e o capoeirista gordo é criticado. O excesso de gordura atrapalha no jogo do capoeirista, porque o capoeirista tende a ser mais lento e os golpes saem com menos precisão. Além de machucar as articulações, que são as partes do corpo mais expostas às ações capoeirísticas, como: coluna lombar, joelhos, cotovelos, ombros e pulsos. Estes argumentos são explicitados logo no primeiro questionamento sobre o peso, quando perguntamos em relação ao peso às capoeiristas automaticamente a resposta que vem é sobre não ficar gorda para excelência na prática. O corpo feminino foi admitido como diferente do masculino nas respostas das entrevistadas, pois segundo elas, o ganho de massa magra é menor, o metabolismo mais lento e ainda tem a gravidez que influi diretamente no corpo feminino.

Recentemente foi estabelecido uma “regra” que anteriormente era implícita, mas fortemente aplicada, que é o corpo como eles chamam de o “biótipo do capoeirista”. Agora que é gordinho e é graduado deve emagrecer para trocar de graduação, ou seja, o capoeirista pode cumprir todas as exigências necessárias, se não emagrecer não passa para a próxima fase. Esta nova exigência divide opiniões, enquanto algumas mulheres concordam outras discordam. A maioria acredita que o corpo deve estar em forma para não prejudicar a saúde e não atrapalhar a performance, mas acham que forçar este emagrecimento pode causar consequências negativas. Estas acreditam que a conscientização seria uma maneira mais viável e menos opressora. A fala a baixo resume outras falas com o mesmo ideal:

Não concordo é o emagrecimento obrigatório, acho que cada um tem uma vida, ninguém deve fazer isto, pode causar consequências muito graves como compulsões alimentares. Muitas vezes o peso não atrapalha no desenvolvimento do jogo e tem a questão do biótipo, nem topo mundo vai ser magro. E quem não consegue?

Se a pessoa se sente bem no seu peso e isso não atrapalhar na saúde dela, pra mim tudo bem. Cada um deve

escolher o que quer pra si. Não deve ser imposto. Obrigar é ruim também porque a gente não sabe da vida da pessoa, se ela tem condições de emagrecer, o dia-a-dia da pessoa e se ela tem dinheiro pra isso, porque fazer dieta e academia é caro e precisa de tempo. Estou esperando para trocar de corda, mas sei que enquanto não emagrecer isso não vai ser possível.

Outras entrevistadas acreditam que a exigência serve para a pessoa criar uma meta e não deixar que elas se descuidem do peso, afinal são atletas e precisam manter o corpo como reflexo do esporte que praticam:

“Acho que as pessoas devem se cuidar, eu me cuido! Não pode relaxar, somos atletas, eu me considero uma atleta e o corpo é essencial. Todo mundo tem que ter disciplina na alimentação e treinar firme. Eu peso 60kg, se eu subir para 62kg eu restrinjo minha alimentação para não subir mais”.

4.2 Gênero

4.2.1 Diferença no jogo

Na capoeira o corpo, como abordado acima, é essencial à prática e os corpos não peculiarmente individuais, o que torna o desempenho de cada pessoa único. Todos os integrantes da Abadá-capoeira devem presar pela técnica, mas a forma com que esta se manifesta no indivíduo nunca é igual. Podemos dizer que é como uma impressão digital que nunca se repete a pesar do dedo poder ser parecido com de outra pessoa. Existe também a diferença do jogo feminino para o masculino, que pode ser explicado por diversos fatores genéticos e sociológicos, mas não é o foco no momento.

Através da observação participante pude perceber tal diferença, diferença esta que foi reafirmada durante as entrevistas. Pedi que descrevessem a

diferença do jogo feminino para o jogo masculino. O jogo masculino foi dito como agressivo, competitivo, bruto e intolerante. O jogo feminino foi descrito como delicado, sensato, maleável e tolerante. No trecho a seguir poderão observar diretamente.

“Muita diferença. A mulher tem mais jeito, tem que ter mais técnica. Não dá para medir força, seria burrice. O homem é mais forte e mais bruto. A mulher tem como vencer o homem porque ela não é força, é inteligência”.

“O homem tende a ser mais agressivo que a mulher e a mulher por não ter a mesma força se utiliza da técnica. Geralmente a mulher sabe jogar melhor que o homem com crianças e iniciantes. O homem é mais explosivo e não admite levar desvantagem”.

“A mulher está mais pela atividade do que para aparecer. Porque eu sinto que a maioria dos homens querem aparecer, se mostrar mais forte, mais ágil que o outro homem. Tem uma disputa de espaço, quem bate mais, quem manda mais”.

“A diferença entre os dois é que a mulher é mais delicada o homem é mais bruto e agressivo”.

A capoeira é uma arte que é luta, teatro, dança, cultura, esporte, entre outras coisas. O mestre Camisa sempre diz que “A capoeira é tudo aquilo que o momento permite que ela seja”, ou seja, o capoeirista deve adquirir a percepção do que cada momento pede. Segundo estes relatos, percebemos que a mulher consegue distinguir o tipo de jogo que deve ser feito com um iniciante, uma criança, um idoso, ser mais paciente e também saber a hora de se impor e ser mais agressiva.

4.2.2 Deveres femininos

Como conciliar tudo o que é exigido na capoeira e socialmente? A mulher na sociedade atual tem que ser dona de casa, esposa, mãe, trabalhar e ainda fazer atividades físicas para manter a forma e a saúde. No caso das capoeiristas deste grupo a pressão sobre elas é ainda maior, porque as que são casadas têm que ser dona de casa, esposa, mãe, trabalhar, treinar, ir em outras academias, manter a forma, comparecer a eventos, competir, participar de cursos, viajar e manter um bom jogo.

As mulheres assumiram que fazem a capoeira porque gostam e porque a capoeira lhes faz bem. Elas sabem que o preço a pagar é alto, pois algumas se divorciaram por dedicar grande parte do seu tempo à capoeira e outras se afastaram da família por não aceitarem a prática de uma atividade tão masculina.

“Até um ano atrás era casada e sofria críticas da família por deixar o marido em casa e ir viajar quase todos os finais de semana em determinadas épocas ou porque combinava minhas folgas para ir a eventos e não para ficar com minha família. Nada é fácil na vida, afinal acabei me separando, mas a capoeira me faz bem e por isso não consigo deixar de lado”.

“Acredito que a mulher que consegue ter uma vida como cuidar da sua família e dos filhos depois que alcança certa graduação em um grupo como a Abadá-capoeira que exige de você uma dedicação, essa sim é muito especial. Porque quem não consegue acaba se desmotivando de alguma maneira por não alcançar metas e objetivos exigidos que não são fáceis de cumprir”.

Estas mulheres ficam divididas por não conseguirem se dedicar plenamente em nenhuma destas áreas, porque ao mesmo tempo em que anseiam por uma família tradicional, também querem praticar a intensamente a capoeira que exige muito do que duas horas por dia, mas uma vida de dedicação.

4.3 Indícios da “dominação masculina” em conflitos do cotidiano

Atualmente a liberdade feminina vem crescendo e com isso a mulher vem assumindo na sociedade papéis que antes eram exclusivamente masculinos. Devido ao crescente movimento feminino e atitudes e falas consideradas machistas sendo recriminadas, algumas ações são mascaradas, mas não menos ofensivas as mulheres.

O jogo da capoeira é diferente das outras lutas, mas também não é uma dança. O berimbau serve para ditar que tipo de jogo deve ser feito: Angola, Benguela, São Bento ou Luna. Como vimos no capítulo anterior, estes toques condicionam o jogador a possibilidades infinitas de jogos dentro da finalidade de cada um destes toques. Na disposição de uma roda de capoeira também tem regras implícitas e explícitas que regem o comportamento dos integrantes que ela compõe. No topo da roda ficam os instrumentos e para “comprar o jogo” (entrar no jogo com um dos capoeiristas que já está jogando com outro) é necessária a ida até o “pé do berimbau”. Tal ato serve para assinalar aos componentes da roda que este capoeirista entrará no jogo, que a vez é dele e para evitar acidentes. Para isto acaba que se forma uma fila de interessados a jogar na borda superior da roda, mas esta fila pode ser completamente ignorada pelas pessoas que tem maior graduação como professores, mestrados e mestres.

Toda esta explicação é para que entendam umas das formas que o embate de gênero ocorre. Muitas vezes quando se está nesta fila e é mulher, é como se não estivesse lá, pois os acham que podem passar a sua frente, segundo as entrevistadas. Acontece de os homens te passarem para traz e ir jogar na sua frente; como o principal demarcador de hierarquia nesta arte é a corda, homens da mesma corda ou até abaixo não deveriam tomar esta atitude, afirmam com um tom nada satisfatório. Como esta entrevistada:

“Uma das coisas que me irritam é quando o cara é da mesma graduação que você e ele na fila pra entrar na roda

te passa pra trás e vai jogar na sua frente. Se o que mede a hierarquia é a corda e ele é a mesma corda, por que trata como se ele fosse superior? Isso é uma falta de respeito!”

Outro tipo de atitude pertinente ao assunto que a maioria das entrevistadas se queixou é quando o homem subestima o jogo da mulher. Quando ele joga com a mulher lentamente e passando o golpe quase que parando, como se jogassem com uma criança:

“O que mais me irrita é quando os homens jogam com você como se fosse uma criança, com muito cuidado e bem devagar. Somos mulheres e não incapazes!”

“É um problema quando subestimam nosso jogo e a nossa capacidade. Eu sei que é mais difícil para nós, mas somos capazes de jogar bem. Outra coisa é quando estamos na fila para comprar um jogo e passam na sua frente, até os menos graduados fazem isso. A graduação não serve mais de nada?”

Elas acreditam também que não adianta esperar que o crédito e a aceitação venham de graça. A atitude e a alta estima é fundamental para a conquista do respeito e da igualdade.

“Uma vez quando ainda era aluna (laranja e azul) fui a uma apresentação. Lá tinham homens mais graduados que eu e na hora que tinha que tocar um samba de roda ninguém estava acertando. Então, ia de um em um tentando, mas não estava dando certo. Até que tomei a atitude de pegar no atabaque e tocar, dei um banho neles.”

“O que eu quero dizer com isso é que também depende da nossa atitude, se a gente ficar se fazendo de vítima e ser pessimista dizendo que não consegue, realmente não vai conseguir fazer nada.”

Ao mesmo tempo em que as mulheres pedem por igualdade elas não querem que os homens sejam agressivos como seriam com outros homens. Elas apenas pedem o reconhecimento da capacidade. Esta entrevistada descreveu isto muito bem:

“Devemos ser vistas como iguais, mas o homem não deve jogar com tanta agressividade conosco. Tem outras maneiras de jogar firme. Eles devem ter consciência da diferença física, um chute de uma mulher não é tão forte como de um homem.”

A mudança vem ocorrendo a cada confronto, a cada atitude, a cada conversa e a cada prova que estas mulheres também têm força, têm jeito, têm garra e também podem fazer como qualquer um pode. Vejamos estas duas falas:

“Já aconteceram muitas situações complicadas, mas melhorou muito com os encontros femininos. Sinto que ainda falta educação e respeito.”

“Mas a mulher tem condição de “bater de frente com o homem”. O problema é que todo mundo quer ser forte, mas para isso tem que treinar!”

5 A teoria na prática

5.1 Corpo e estilo de vida

“Para Mauss (1974), o conjunto de hábitos, costumes, crenças e tradições que caracterizam uma cultura também se refere ao corpo. Assim, há uma construção cultural do corpo, com uma valorização de certos atributos e comportamentos em detrimento de outros, fazendo com que haja um corpo típico para cada sociedade. Esse corpo, que pode variar de acordo com o contexto

histórico e cultural, é adquirido pelos membros da sociedade por meio da “imitação prestigiosa”: os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito”. (GOLDENBERG, 2004)

Na cultura brasileira o corpo desejado é especificamente particular. “É um corpo que deve ser sempre sexy, jovem, magro e em boa forma. Um corpo conquistado por meio de um enorme investimento financeiro, muito trabalho e uma boa dose de sacrifício” (GOLDENBERG, 2010). O corpo é um capital que serve como ascensão (ou como desvalorização) dependendo do tipo de corpo que a pessoa tem.

Na Abadá-capoeira isto não é diferente, o corpo abre ou fecha portas no mundo capoeirístico, pois a pessoa que não tem o corpo ideal é considerada como relaxada. A Abadá é apenas um reflexo da sociedade onde ela se encontra e esta sociedade não perdoa aqueles que não se enquadram nos padrões exigidos. Nesta cultura, adepta de julgar, classificar e rotular as pessoas com base em sua aparência física, não ser gordo não basta – deve-se também cultivar um corpo firme, tonificado e musculoso (Lipovetsky, 2000). No caso, um corpo que não é dotado destes atributos é um corpo sem valor e é considerado um corpo de alguém preguiçoso e indisciplinado. Em uma entrevista esta questão apareceu na fala de uma integrante do grupo estudado.

“Acho que as pessoas devem se cuidar, eu me cuido! Não pode relaxar, somos atletas, eu me considero uma atleta e o corpo é essencial. Todo mundo tem que ter disciplina na alimentação e treinar firme.”

Através das pesquisas feitas com integrantes da Abadá-capoeira do sexo feminino e de algum tempo de observação participante, pude observar que há uma exigência a ser seguida e aqueles que não alcançam certo tipo de eficiência no combate a gordura demoram mais a trocar de graduação. “O corpo” é símbolo de um estilo de vida de privações e de sofrimento, mas também é um troféu a ser exibido como conquista de uma batalha árdua e penosa. Todo aquele que alcança sua meta pode se considerar merecedor da “superioridade”, pois o valor da conquista é o próprio corpo e sua distinção do restante. Ou seja, quando se

chega ao objetivo de corpo é como se provassem seu esforço para alcançar a graduação seguinte, porque mais importante que sua dedicação pessoal é mostrar para os demais que está se dedicando.

Existe, também, a teoria da “imitação prestigiosa” que consiste na imitação de algo que já deu certo e é símbolo de sucesso em determinada sociedade. Mas nem sempre esta imitação é proposital, porque geralmente o modelo de sucesso é massificado em nossas mentes, principalmente nas camadas inferiores. Estas camadas inferiores veem este corpo como um passaporte para uma possível ascensão.

“Pode-se dizer que “o corpo” e tudo o que ele simboliza estimula nos brasileiros a conformação a um estilo de vida e a um código de conduta. A obediência a estas normas é recompensada pelo sentimento de pertencer a um grupo “superior”. “O corpo” é um valor em si, que simultaneamente identifica o indivíduo com um grupo e o distingue dos demais. Esse corpo malhado, esculpido e desenhado constitui uma espécie de prova de virtude. Sob a moralidade da boa forma, trabalhar o corpo é um ato prenhe de significado”. (GOLDENBERG, 2011)

5.2 Ser mulher na capoeira

Ser mulher, e estar assumindo papéis ditos masculinos, em qualquer área ou função, na maioria das vezes apresentará desafios peculiares. É como se a todo momento quisessem provar para você que este não é o seu lugar e que você deve se sentir deslocado por ocupar uma função que não é própria para o seu gênero. Não somente as mulheres, mas alguns homens também passam por esta situação quando vão ocupar “cargos femininos”. Bourdieu (1999) abrange este assunto quando diz que a estrutura sobrecarrega os dois lados que compõem a relação de dominação. Ou seja, aqueles que dominam (os homens) se sentem obrigados a manter um caráter de superioridade sempre exercendo papéis masculinos, demonstrando assim sua “macheza”, seja através da força, da virilidade, etc. Mais adiante entrarei mais profundamente nesta ideia.

Sabendo que “disciplinadas desde a mais tenra infância nessas e outras práticas corporais de gênero, tendemos a encarar tais procedimentos como se fossem ‘naturais’, ou próprios à feminilidade” (SARDENBERG, 2002, p. 60). Neste caso podemos entrar na questão de como elas entendem a mulher na capoeira. Ao perguntar: “Pra você, o que é ser mulher na capoeira?”, tive algumas respostas estereotipadas como falar sobre a delicadeza e a harmonia que elas têm e trazem à roda. Mas a maioria das entrevistadas falaram sobre “quebrar tabu”, saber se impor e as coisas que envolvem estas coisas.

5.2.1 A feminilidade da capoeirista

Sob a luz de alguns teóricos contemporâneos e de suas concepções de corpo, podemos identificar na sociedade brasileira uma noção particular de feminilidade. Um destes é a Beatriz Beraldo que afirma, em “O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo”, o ideal construído de mulher no Brasil é conveniente à uma sociedade com heranças patriarcais. Para ela a feminilidade é construída culturalmente e disseminada desde a infância pela família, que é a principal mantenedora da reprodução do machismo segundo Bourdieu (2003), por fazer uma manutenção constante. Desde a infância são feitas demarcações de gênero nas crianças tendo como um dos condutores principais os tipos de brincadeiras específicos de menino e de menina. Por exemplo, os brinquedos relacionados com serviços domésticos e os afazeres do lar são dados às meninas e brinquedos que envolvem força e agilidade são dados aos meninos. Conforme a criança cresce, os meios de comunicação passam a fazer este trabalho de manutenção e disseminação de antigos e novos conceitos de um ideal de feminilidade que corresponde à mulher adulta. Este ideal permeia diversos nichos que aqui estão fixados. Um destes nichos é a Abadá-Capoeira que, como veremos, reproduz, mas também transforma, algumas condições de acordo com a seus objetivos.

Hoje, na Abadá-Capoeira, vemos uma modificação constante do poder fazer feminino. O que antes era “coisa de homem”, hoje é visto comumente sendo feito por uma mulher. Mulheres estas que lutam para serem enxergadas como

capazes de tudo, pois não admitem serem vistas como inferiores. Quanto mais o tempo passa o desempenho feminino no jogo aumenta, porque hoje (após alguns precedentes) a mulher sabe que pode atuar na capoeira, assim como na sociedade, sem tantas amarras morais como antigamente. Esta entrevistada foi bem clara a respeito:

“Para mim, no início a separação nas categorias foi ruim, porque por jogar com homens mais habilidosos eu buscava melhorar e jogar cada vez melhor, mas com o tempo o jogo feminino foi melhorando e padrão está cada vez mais alto.”

Mirian Goldenberg, no texto “Gênero e corpo na cultura brasileira”, fala sobre sua pesquisa feita no Rio de Janeiro que aborda corpo e sexualidade. Esta pesquisa nos mostra resultados impressionantes, pois quando foram perguntadas sobre o que mais invejavam em um homem, maioria respondeu que era a liberdade ou coisas que eram relacionadas a esta liberdade masculina.

Apesar de ainda hoje, em pleno século XXI, as mulheres não serem 100% livres muita coisa melhorou. Existe maior liberdade feminina na Abadá-Capoeira, mas esta liberdade também exige maior dedicação, pois a todo o momento nos é cobrado um desempenho a altura desta “liberdade”. Para Lipovetsky, quanto mais o ideal de autonomia individual cresce, a exigência da concordância com os modelos sociais aumenta. De um lado, o corpo feminino se emancipou amplamente de suas antigas servidões – sexuais, procriadoras ou indumentárias; de outro, encontra-se, atualmente, submetido a coerções estéticas mais regulares, mais imperativas e mais geradoras de ansiedade do que antigamente (GOLDENBERG 2005). Esta citação resume com maestria a situação que estas mulheres passam, porque a cobrança de um bom desempenho, seja na participação nas rodas, dando aula, cantando e/ou tocando os instrumentos, vem na mesma proporção da “liberdade” atualmente exercida.

Ainda tem o fato de que as mulheres devem se impor para receber o respeito que a graduação pede. Muitas acabam deixando a típica concepção de feminilidade brasileira de lado durante a prática para mostrar um lado mais

incisivo, forte e corajoso, papéis atrelados à prática masculina. Valores como força física, coragem e destemor são tipicamente atrelados à masculinidade dominante (C. RIBEIRO/J. RUSSO, 2013). Em um relato podemos observar claramente tal posição, vejamos:

“Uma vez quando ainda era aluna (laranja e azul) fui a uma apresentação. Lá tinha homens mais graduados que eu e na hora que tinha que tocar um samba de roda ninguém estava acertando. Então, ia de um em um tentando, mas não estava dando certo. Até que tomei a atitude de pegar no atabaque e tocar, dei um banho neles.

O que eu quero dizer com isso é que também depende da nossa atitude, se a gente ficar se fazendo de vítima e ser pessimista dizendo que não consegue, realmente não vai conseguir fazer nada.”

Podemos dizer então, que a feminilidade exercida na capoeira não é somente uma repetição do que acontece na sociedade, ou seja, existem paradigmas sendo rompidos para a construção de uma feminilidade muito particular durante a prática da capoeira. “Tudo que foi apresentado nos remete à ideia de que as normas de gênero são fluidas e estão submetidas, também, às práticas e necessidades do cotidiano, sendo colocadas em jogo, ou de lado, sempre que se faz necessário” (C. RIBEIRO/J. RUSSO, 2013).

5.2.2 Dominação masculina na capoeira

A dominação masculina se perpetua em diversas áreas e com muitas faces diferentes, mas a principal instituição a reproduzir e manter os preceitos da dominação é a família. Os pais reproduzem ações de dominação diante de seus filhos desde a infância, por exemplo, e por assisti-las acabam se fixando como uma maneira comum de relação. As relações de dominação são sempre desiguais e exigem dos dois lados padrões nas formas de agir, se portar, etc. Às

mulheres cabe à diminuta insignificância que lhes é imposta (apesar de nem sempre ser aceita), aos homens cabe uma liberdade maior, mas que não permite se portar como inferior.

Um exemplo da exigência aos homens na capoeira seria quando ele leva desvantagem para uma mulher e seus colegas zombam, porque a humilhação é maior quando se leva uma “banda”, por exemplo, de uma mulher. Ou seja, a mulher levar desvantagem para um homem durante uma roda de capoeira seria comum, mas um homem não pode ser tão inferior que ainda é pior que uma mulher. Desta forma que falei é muito feio, mas é a tradução do que significam as zombarias.

Uma das formas mais frequentes de dominação masculina é quando um homem joga com uma mulher como se estivesse jogando com uma criança. Esta resposta foi uma das que mais repetiram quando se perguntou: “Você já se sentiu menosprezada por ser mulher e não ter as mesmas habilidades?”. Alguns exemplos de respostas estão adiante.

“Muitas vezes. O que mais me irrita é quando os homens jogam com você como se fosse uma criança, com muito cuidado e bem devagar. Somos mulheres e não incapazes!”

Com uma visão onde as mulheres são caracterizadas como objetos simbólicos, Bourdieu afirma que a dominação transforma a relação da mulher para com o homem, uma relação baseada na dependência simbólica. Neste caso, em uma relação de dominação o lado que detém o poder (o masculino) tende a manter o lado que é dominado em constante insegurança.

“É um problema quando subestimam nosso jogo e a nossa capacidade. Eu sei que é mais difícil para nós, mas somos capazes de jogar bem. Outra coisa é quando estamos na fila para comprar um jogo e passam na sua frente, até os menos graduados fazem isso. A graduação não serve mais de nada?”

Ou seja, é em atitudes que, de repente, são insignificantes para os homens capoeiristas que consiste a manutenção do poder masculino. Em pequenas demonstrações de superioridade (ou neste caso se mostrar superior) estão os maiores exemplos de “violência simbólica” (Bourdieu, 1999).

5.3 Driblando as visões estereotipadas

Estas mulheres têm um papel fundamental para a mudança nas relações de desigualdade e na diminuição do preconceito às mulheres que praticam capoeira. A grande maioria destas mulheres começou capoeira na adolescência e contra a vontade de suas famílias. Muitas relataram a insatisfação e a falta de apoio de suas famílias, mesmo já tendo anos na prática. Ainda hoje, no Brasil, existe uma visão negativa da capoeira pela população, alguns por achar que é religião, outros ao preconceito racial por ser “coisa de preto” e alguns por achar que é “coisa de moleque”. Acima de tudo, a capoeira sofre grande discriminação social, porque ainda acreditam que capoeira é “vagabundagem ou vadiagem”. Entre o século XIX e XX praticar capoeira era crime de vadiagem, essa lei caiu a pouco tempo, na década de 1960 quando Mestre Bimba apresentou a capoeira para Getúlio Vargas. Hoje a capoeira é profissão e muitas pessoas vivem dela, e vivem bem.

A maioria das entrevistadas sofreu muito preconceito de sua própria família e algumas tiveram que sair de casa para viver em paz fazendo o que amam. Essas mulheres são uma ponte para a mudança desta visão estereotipada, porque quanto maior o desafio, mais ela quem provar que são capazes e que a capoeira pode fazer você mudar de vida. Um exemplo é a fala de uma das entrevistadas sobre o assunto.

“Não aceitava. Hoje eles toleram, mas no início era pior. Tive que provar para eles que posso conquistar minhas coisas através da capoeira e por ser mulher eu acho que foi mais difícil, porque quando um homem diz que quer ser jogador de futebol todo mundo acha bonito e apoia, como eu

era mulher achavam que eu não podia. Afinal isto é “coisa de homem”.

Para ter maior liberdade para ir à capoeira eu saí de casa.”

Ou seja, estas mulheres além de sofrer pressão na capoeira também sofrem em casa. Elas observam uma diferença “natural” de força dos homens comparados às mulheres, mas elas não querem provar que são mais fortes. O que elas desejam é simplesmente ser respeitadas naquilo que fazem.

“A mulher tem mais jeito e tem que ter mais técnica. Não dá para medir força, seria burrice. O homem é mais forte e mais bruto. A mulher tem como vencer o homem porque ela não é força, é inteligência.”

Outra diz que ser mulher na capoeira:

“É ter postura e não deixar de ser feminina. Sabe, a mulher tem que impor respeito, não pode “dar mole”, mas não pode querer competir com a força masculina. Devemos saber a hora de ser agressiva e ter jeito. Porque se a gente medir força saímos na desvantagem. A mulher é mais frágil e não tem a mesma força e nem as mesmas habilidades, mas já vi muita mulher “bagunçar” homem na roda.”

Apesar das diferenças que elas disseram existir entre homens e mulheres no desempenho da capoeira e de todas as visões contrárias, quanto à mulher praticar capoeira, elas entendem que estão ali para quebrar tabus e provar que podem e podem muito.

6 Conclusão

Em virtude dos fatos mencionados, somos levados a acreditar que essas mulheres querem ser vistas como iguais apesar das diferenças que elas assumem como reais. Então, mesmo assumindo a diferença biológica determinante e de sexo na dimensão cultural/simbólica elas não são inferiores e nem querem ser vistas como tal, porque as diferenças não são demarcadores de inferioridade, apenas de diferença.

7 Referências Bibliográficas

ABADÁ-Capoeira San Francisco, Wikipedia. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/ABAD%C3%81-Capoeira>>. Acesso em 06 de julho de 2016.

ABADÁ-Capoeira. <<http://abadacapoeira.com.br/blog/index.php/abada-capoeira/>>. Acesso em 06 de julho de 2016.

SODRE, Muniz – Mestre Bimba: Corpo de Mandiga (2002)

CARDOSO, Fernando Henrique – Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional (1962), Editora Civilização Brasileira.

Burlamaqui, Aníbal - Gymnastica Nacional (Capoeiragem) Methodisada e Regrada, Rio de Janeiro, 1928.

Decânio Filho, Ângelo - A herança de mestre Bimba, Coleção São Salomão, Salvador, 1997.

Decânio Filho, Ângelo - A herança de Pastinha, Coleção São Salomão, Salvador 1997.

Ribeiro, C. Russo, J. Negociando com os leitores: o “novo” e o “antigo” homem nos editoriais da revista Men’s Health. Cadernos Pagu (42), janeiro-junho de 2014:477-511.

Goldenberg, M. (2005). Gênero e Corpo na Cultura Brasileira. PSIC. CLIN., Rio de Janeiro, Vol.17, N.2, P.65 – 80, 2005.

Goldenberg, M. (2011). Gênero, “o Corpo” e “Imitação Prestigiosa” na Cultura Brasileira. Saúde Soc. São Paulo, v.20, n.3, p.543-553.

Beraldo, B. (2014). O que é feminilidade? Papéis sociais e o feminismo contemporâneo. ESPM-SP.

Goldenberg, M. (2010). Afinal, o que quer a mulher brasileira? Psic. Clin., Rio de Janeiro, vol.23, n.1, p.47 – 64, 2011

Bourdieu, P. (1999). A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Goldenberg, M. (2006). O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. Arquivos em movimento, 2, 115-123.

Goldenberg, M. (org.). (2007). O corpo como capital. São Paulo: Estação das Letras e Cores.

Kimmel M 1998. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. Horizontes Antropológicos 9(4):103-107.

Mauss M 1974. Sociologia e antropologia. EPU/Edusp. São Paulo.

THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis-RJ, Vozes, 2002.

CECCHETTO, Fátima. A sina de ser forte: corpo, sexualidade e saúde entre lutadores de jiu-jítsu no Rio de Janeiro. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. *Sexualidade, reprodução e saúde*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2009.

CAMPBELL, Colin. *The Romantic Ethic and the spirit of modern consumerism*. Oxford e Cambridge, Blackwell Publishers, 1995.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Mídia e educação da mulher**: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. Rev. Estudos Feministas, 2001, vol.9, no.2, p.586-599.

SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. “A mulher frente à cultura da eterna juventude: Reflexões teóricas e pessoais de uma feminista ‘cinquentona’”. In: FERREIRA, S. L.; NASCIMENTO, E. R. do (orgs.). **Imagens da mulher na cultura contemporânea** . Salvador: NEIM/ UFBA, 2002.